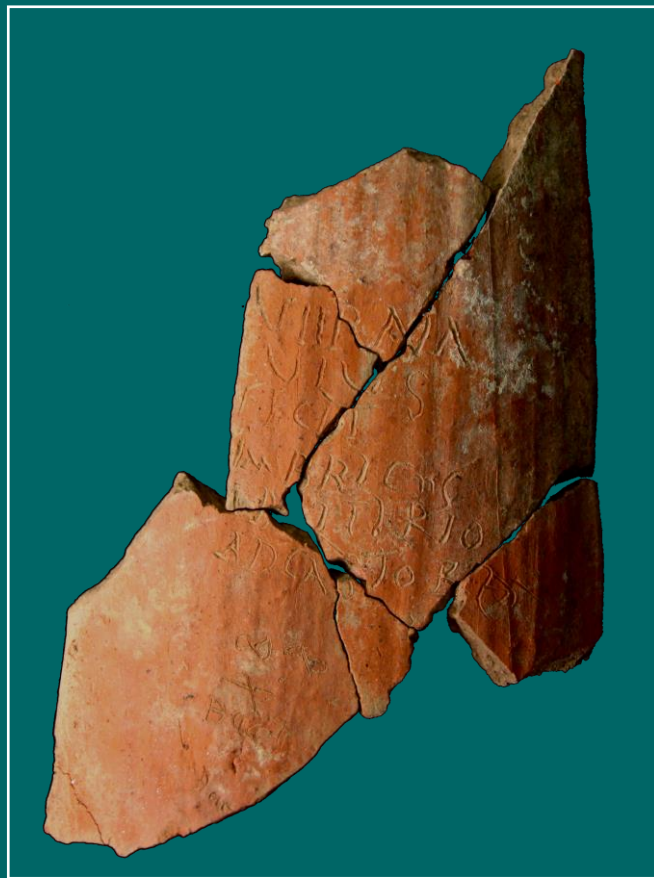


ABELTERIVM

REVISTA ONLINE DE ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA DO
MUNICÍPIO DE ALTER DO CHÃO

I



ABELTERIVM

VOLUME I | MAIO | 2014

Título: Abelterium
Revista Online de Arqueologia e História
do Município de Alter do Chão

Propriedade e Edição: Município de Alter do Chão

Comissão Editorial: Jorge António
Luís Santos
Maria Cecília Rosalino

Periodicidade: Anual (Dia do Município)

Temas: Arqueologia e História do concelho de Alter
do Chão

Concepção Gráfica e Paginação: Jorge António

Contactos: abelterium.revista@cm-alter-chao.pt
245 610 000 / 328

Textos: Ângela Barrigó
Guillermo de la Peña López
Joaquim Garcia
Jorge António
José d'Encarnação
Maria Filomena Barata
Maria Pilar Reis

Agradecimentos: Diana Carvalho
Hermínia Santos
Vítor Hugo Sacadura

ISSN: 2183-3052

Nota: Todos os direitos reservados de acordo com
a legislação em vigor.

O Município de Alter do Chão respeita integralmente os textos originais dos autores pelo que os mesmos são da exclusiva responsabilidade dos signatários.

GRAFITO IDENTIFICA ALTER DO CHÃO COMO ABELTERIVM

Jorge António
(Município de Alter do Chão)

José d'Encarnação

RESUMO:

Num *imbrex* identificado no Verão de 2009, no decorrer dos trabalhos arqueológicos realizados em Alter do Chão, o operário *Vernaculus* foi anotando a quantidade de *imbrices* que ia fazendo. Teve, ainda, o cuidado de referir que se encontrava em *Abelterium, ad Castorem*, sendo, pois, *Castor* o nome do proprietário da olaria.

PALAVRAS-CHAVE:

Imbrex, Vernaculus, Castorem, Abelterium.

RESUMÉE:

Sur un *imbrex* identifié, l'été de 2009, pendant les travaux archéologiques en cours à Alter do Chão (district de Portalegre), l'ouvrier *Vernaculus* a annoté la quantité d'*imbrices* de chaque série qu'il était en train de faire. Il a écrit aussi que tout cela se passait à *Abelterium, ad Castorem*, c'est-à-dire, à l'atelier de *Castor*. Il s'agit de la première référence épigraphique sûre qui nous donne l'identification de l'actuelle Alter do Chão avec la *civitas* d'*Abelterium*, mentionnée dans l'*Itinéraire d'Antonin*.

MOTS-CLÉS:

Imbrex, Vernaculus, Castorem, Abelterium.

No decorrer dos trabalhos arqueológicos levados a efeito, no Verão de 2009, na *Villa Romana* da Casa da Medusa¹, foi descoberta uma telha romana (*imbrex*) com grafito, que identifica Alter do Chão com *Abelterium*.

Este singular achado foi efectuado durante a remoção do derrube do telhado do corredor sudeste do *peristylum*, localizado atrás do *triclinium* da Casa da Medusa. Após a descoberta do primeiro fragmento com grafito, todo o restante derrube foi levantado e visto com redobrada atenção por vários elementos da equipa. Contudo, dada a natureza do achado, procedeu-se à recolha sistemática de todo o derrube, sendo este lavado no Laboratório de Arqueologia, no intuito de confirmar a existência de mais fragmentos, nos quais pudesse constar o restante texto. Felizmente logrou-se

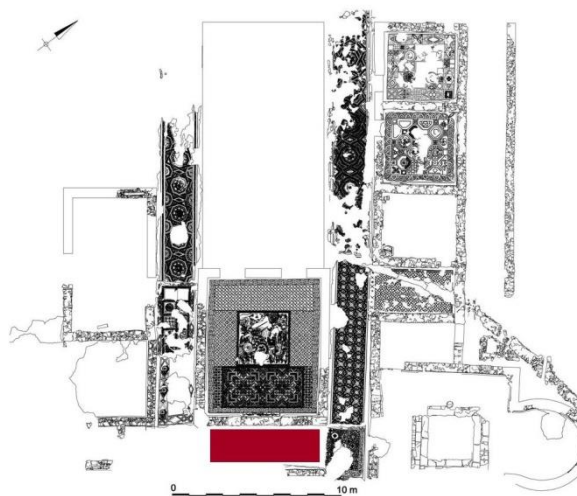


Fig. 1: Corredor do *peristylum* onde foi encontrado o *imbrex*

¹ Estação Arqueológica de Alter do Chão.

encontrar a quase totalidade dos fragmentos (sete), onde o operário de serviço de um telheiro foi anotando as contagens que ia fazendo das telhas colocadas ao sol para secar antes de irem para o forno.

Trata-se, por isso, de um documento de excepcional importância histórica, até porque houve a preocupação de explicitar que o telheiro, pertença de um *Castor*, se encontrava em *Abelterium* e o operário se chamava *Vernaculus*.

- Dimensões:
 - . comprimento – 36 cm;
 - . largura – 25,5 cm;
 - . espessura – 1,9.

- Leitura interpretada:

VIIRRNA/CVLVS / FECIT / IMBRICIIS / ⁵
 AB[II]LTIRIO / AD CASTOREM / (*duo milia*) /
 (*mille*) / DCCCCL (*quinquaginta et nongenti*) / ¹⁰
 DCCC (*octingenti*)

Vernáculo fez, em Abeltério, à do Castor, telhas 2000,

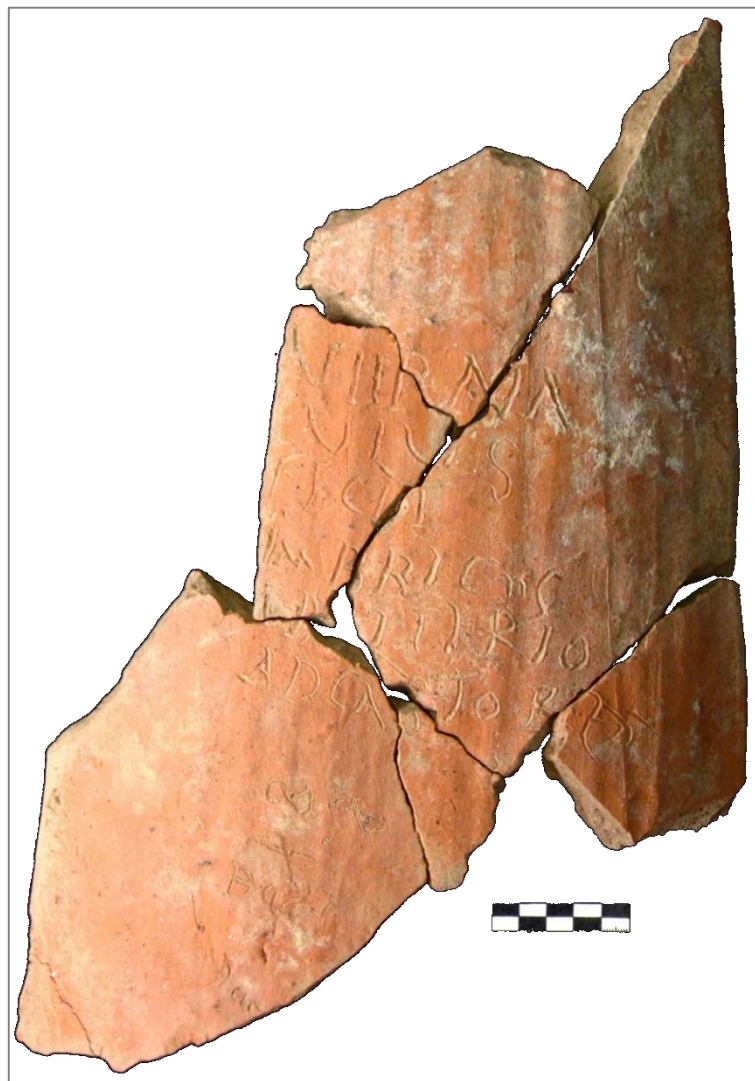


Fig. 2:
Imbrex de Vernaculus

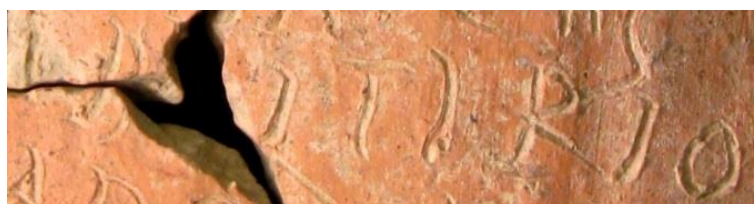


Fig. 3:
 Topónimo latino

1000, 850, 800.

Feito, seguramente, enquanto a pasta ainda estava mole, na altura em que, no telheiro, se estendiam as telhas ao sol para secar, o grafito obedece, do ponto de vista paleográfico, ao que é corrente nestas circunstâncias e em todas as épocas: os caracteres são cursivos, sem qualquer preocupação estética, pois o que interessa é a útil informação rápida acerca do que se está a fazer. Assim, os E são grafados com dois II, dado que as barras horizontais na pasta mole acabam por ser mais difíceis de traçar; aliás, é também por isso que as barras das letras se apresentam oblíquas, não horizontais, e, por vezes, mais compridas do que o habitual (caso do L, nomeadamente na l. 5) ou, ainda, mais breves, como se exemplifica no A; e nem sempre as hastes tocam umas nas outras a formar vértice ou, então, como acontece com o V, assume a forma de U, por ser gravado numa só vez. A cursividade é particularmente explícita no traçado do F. Não significa isso que o oleiro se não tenha aprimorado, aqui e além, no traçado das letras, quer 'sublinhando' o vértice inferior com um traço (no R, no I. no A...) quer no elegante S final do seu nome, por exemplo.

Lograram-se recuperar a maior parte dos fragmentos – o que merece um louvor ao arqueólogo de campo na ocasião – de modo que não oferecem quaisquer dúvidas a leitura e a interpretação da totalidade do texto. De facto, também a l. 5, apesar da fractura, se nos afigura garantida: há a barra esquerda do A; o E deverá estar grafado com dois pequenos II como sucede na palavra IMBRICIIS. A hesitação poderia existir na linha seguinte: AD deve entender-se como preposição, que regerá um acusativo. Ou seja, se *Vernaculus* quis explicar que a sua actividade se exercia em *Abeltirium*, não lhe bastou identificar o nome do aglomerado urbano (*civitas?*), quis também assinalar qual a oficina para que trabalhava: *ad* deverá entender-se, se nos é permitido o uso de uma expressão popular, «à do...». Haverá, pois, o nome do proprietário da olaria: CASTOREM, resultando assaz curiosa a forma como, sendo a parte final do seu texto principal (digamos assim), faz uma espécie de expressão), com um E bem lançado vindo cá de trás na parte superior e gatafunhando rapidamente o M.

Seguem-se – e dá a impressão que se trata mesmo de gravação feita num segundo momento, já no 'estendal', mais em cima do joelho, com um pedaço de cana cortada (é claro o sulco duplo) – os números referentes às contagens que estão a ser feitas no momento em que se torna necessário saber quantos

exemplares se encontram a secar: numa primeira linha, escreve-se o sinal indicativo de mil por duas vezes² e, seguramente, em dois momentos distintos, dada a sua posição relativa; na linha seguinte, apenas mil (e, aqui, já igual à forma 8 de Battle); depois, 950, com o D cortado por uma barra (como que a simular abreviatura), os quatro C muito cursivos e o L bem alto; ligeiramente mais baixo e já mais descuidada, a gravação do último número visível, com o D mal enjorcado (aberto em baixo) e os CCC mais pequenos: 800, presumivelmente – porque o *imbrex* está partido aí e não sabemos se existiria mais alguma letra.

A antroponímia patente é sugestiva. De facto, *Vernaculus* tem o significado etimológico, latino, de «nativo», mas daí não se podem retirar ilações quanto à sua categoria social³, ainda que a presença de *Caesia Vernacla, liberta*, em Évora,⁴ e de uma *serva* em dedicatória a Endovélico (Alandroal, IRCP 515) nos possam inclinar para lhe atribuir uma condição de escravo, o que até nem seria anormal no caso de um trabalhador de olaria. *Castor* – nome que, na Lusitânia, só se identificou em Faro (IRCP 17)⁵ – é, ao invés, antroponímico etimologicamente grego e, inclusive, devido à sua eventual relação cultural com a mitologia,⁶ não nos repugnaria que identificasse aqui alguém de categoria servil, ainda que proprietário de um telheiro.

Duas, porém, são as informações relevantes que *Vernaculus* nos deixou.

² Trata-se aqui de uma forma mista daquelas que Battle identifica com os números 6 e 8 (cf. BATTLE HUGUET (Pedro), *Epigrafia Latina*, Barcelona, 1946, p. 23, fig. 28: são triângulos unidos em jeito de X comprido, mas os vértices unem-se por um arco.

³ Curiosamente, é um dos antroponímicos pouco comuns na onomástica do Império Romano, sendo, porém, a Península Ibérica e, designadamente, a Lusitânia uma das zonas em que mais vezes ocorre. Iiro Kajanto (*The Latin Cognomina*, Roma, 1982 [reimp.], p. 312) salienta o seu maior uso por parte das mulheres, indicando que, em 10 ocorrências no conjunto do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, 5 são de Hispânia. Juan Manuel Abascal (*Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*, Múrcia, 1994, p. 542-543) dá conta de 7 mulheres com esse nome e 9 homens. Em NAVARRO CABALLERO (Milagros) e RAMÍREZ SÁDABA (José Luís) [coord.], *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, Mérida / Bordéus, 2003, p. 338-399, mapa 322, registam-se 15 testemunhos.

⁴ ENCARNAÇÃO (José d'), *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis – Subsídios para o Estudo da Romanização*, Coimbra, 1984 (=IRCP), inscrição nº 389.

⁵ Abascal (1994, p. 319) dá mais dois testemunhos na Península: um em Huerta del Rey e outro em Lebrija.

⁶ Castor e Pólux, os celebrados Dióscuros... Não é invulgar que os senhores dêem a seus escravos nomes ligados a divindades ou a heróis da mitologia: *Hermes, Nympha...*

Prende-se uma com as quantidades de *imbrices* que poderia comportar um estendal, dado que expressamente ainda não tivéramos, ainda que o houvésemos sugerido já aquando do estudo do tijolo de *Eburobrittium*, onde se escreveu VSQVE HIC CCC, «até aqui 300», mnemónica também de um trabalhador de olaria,⁷ relacionável com os números grafados em tijolos de Conímbriga, a mostrar preocupações de 'contabilidade' e de controlo da produção. Poder-se-á ainda argumentar que, se se identifica uma olaria, é porque outras haverão no local – e esse constitui, sem dúvida, um raciocínio lógico: quantos oleiros não temos nós, hoje, em S. Pedro do Corval, por exemplo?

Contudo, a informação maior é a de que nos encontramos em... *Abeltirium*! O I está suficientemente claro para que se não suponha nem um lapso nem a hipótese de haver outro ao lado para dar o que as fontes indicam como *Abelterium*. A identificação, portanto, de Alter do Chão como *Abeltirium* no tempo dos Romanos – que já há muito se apresentava como certa⁸ – teve, aqui e agora, a confirmação cabal, sendo despicienda, como se sabe, a alternância *e/i* na linguagem oral.

Uma derradeira conclusão importa tirar, em tom de recomendação aos arqueólogos: é absolutamente imprescindível uma cada vez mais cuidada atenção aos materiais cerâmicos, por mais banais que pareçam, por mais fragmentados que estejam, pois em singelo grafito

pode estar a solução para uma interessante questão histórica.

⁷ Cf.: ENCARNAÇÃO (José d') e MOREIRA (José Beleza), «Epigrafia de *Eburobrittium*», *Actas do Congresso A Presença Romana na Região Oeste*, Câmara Municipal do Bombarral, 2005, p. 134; ENCARNAÇÃO (José d'), «A epigrafia do momento: grafitos... a comunicação sedutora», in ANGELI BERTINELLI (Maria Gabriella) e DONATI (Angela) [coord.], *Opinione Pubblica e Forme di Comunicazione a Roma: il Linguaggio dell'Epigrafia* (Atti del Colloquio AIEGL – Borghesi 2007), 2009, p. 18-20.

⁸ Já André de Resende (*De Antiquitatibus Lusitaniae*, Évora, 1593, fol. 255) identificava *Elteri* com Alter do Chão. Jorge Alarcão, depois de ter hesitado na identificação de *Abelterium* com Alter do Chão (*Portugal Romano*, Lisboa, 1974, p. 74), devido à escassez dos vestígios arqueológicos, na edição desse mesmo livro em 1983 já escreve (p. 81): «*Abelterium* ficava perto de Alter do Chão ou coincidia mesmo com esta localidade»; em *O Domínio Romano em Portugal*, Mem Martins, 1988, p. 51, vem «*Abelterium* (Alter do Chão)» sem mais; e, em 1990, em *Portugal das Origens à Romanização* [I volume da *Nova História de Portugal*], Lisboa, 1990, afirma categoricamente «Alter do Chão corresponde à antiga *Abelterium*» (p. 363) e lança mesmo a hipótese (p. 364) de ter existido «uma *civitas* com sede em Alter do Chão». É, pois, bem provável que, hoje, «os achados arqueológicos feitos na vila» já não sejam «insuficientes para demonstrar a capitalidade do povoado» (p. 363) – o que vem, por conseguinte, reforçar a viabilidade da sua hipótese.

ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA



ALTER DO CHÃO

FOICIDADEMUITOOPPULENTANAANTIGUI
DADEOSROMANOSAFUNDARAMPELOSAN
NOSDOMUNDO3800(204ANTESDEJESUSCHR
ISTO)OUTROSASUPPÕEMFUNDAÇÃOUIT
OMAIANTIGA(DOSTURDULOSOUDOSCEL
TAS)EQUEOSROMANOSSÓAAAMPLIARAMEA
FORMOSEARAMCOMTEMPLOSEEDIFICIOS